

O humanismo pelo viés da ironia em contos de Guimarães Rosa

Lélia Parreira Duarte
PUC Minas

A PUC Minas realizou, em maio de 2001, um congresso sobre Humanismo, denominado “Humanismo Latino no Brasil de hoje”. Logo em seguida, aconteceu na mesma universidade o II Encontro Internacional Guimarães Rosa, em que foram apresentados mais de 400 estudos sobre a obra do escritor mineiro, tendo sido interessante observar que pelo menos cinquenta por cento dessas comunicações pareciam focalizar, em diferentes aspectos, o que se poderia chamar de o “Humanismo de G. Rosa”.

Na sessão de abertura do congresso sobre Humanismo foi bastante acentuado o fato de a perspectiva humanista focalizar o ser humano numa relação intersubjetiva com seu semelhante, perspectiva que parece ser muito observada nos referidos trabalhos sobre a obra de Rosa, especificamente na relação que esse autor procura estabelecer com seu leitor.

Artista da palavra, tecelão especialista em lidar com os meandros da linguagem, Rosa sabe que a percepção do outro depende do olhar que o vê e da posição em que se coloca esse olhar. Sabe também que o homem se organiza em coletividades que se sobrepõem e às vezes entram em conflito. Por isso mesmo, ele não procura geralmente estabelecer com seu leitor uma relação direta e simples: semeando diferentes vozes com os respectivos interlocutores em seus textos, exibindo tentativas e dificuldades de comunicação, Rosa valoriza a mencionada relação intersubjetiva entre semelhantes.

Irônica e sabiamente, Rosa mostra que muitas vezes essa comunicação se inicia de forma negativa, podendo ter como pressupostos desejos de poder e de dominação. Denunciando

preconceitos, malentendidos, julgamentos apressados – o que equivaleria a dizer: relações intersubjetivas mal sucedidas – ele aponta para a necessidade de se ver o outro em si – na sua fragilidade e na sua força, mas especialmente, na sua diferença.

Penso ser possível afirmar isso a partir de vários textos de Rosa e vou tentar demonstrá-lo, rapidamente, em dois contos de *Primeiras estórias* e dois de *Tutaméia*. Trata-se de narrativas em que personagens diferentes, cujo comportamento não segue o padrão comum, são vistas com estranheza ou má vontade por narradores ou por outras personagens. Em todas essas narrativas encontramos a estrutura comunicativa da ironia, em que aparentemente um emissor diz algo para afirmar outra coisa, ou em que é preciso que o receptor perceba a “volta” dada pela seta semântica do dito, que aponta para a inversão do sentido do que é inicialmente expresso. Em algumas dessas narrativas encontramos narradores que procuram passar uma visão preconceituosa e crítica a seus narratários – os receptores internos dos textos. Em outras encontramos a mesma atitude em personagens que vêem outros negativamente, procurando desmerecê-los. Por trás desses narradores ou dessas personagens, entretanto, o leitor atento poderá perceber a voz do autor implícito dos contos. Numa atitude de verdadeiro humanista, esse autor chama a atenção para aspectos positivos dessas personagens desvalorizadas, que crescem assim em importância textual e humana aos olhos desse leitor.

Falo, por exemplo, de Zé Boné, personagem de “Pirlimpsiquice”, menosprezado pelo narrador, que se quer mostrar superior e o vê como “o preenchido beócio”, o que “regulava de papalvo”, o “estafermo”, o “basbaque incapaz de emendar palavra e meia palavra”, aquele que “Nem na história do drama botava sentido”. Piscando ironicamente o olho ao leitor, o autor mostra-se por trás desse narrador invejoso e mostra a capacidade artística do Zé Boné, que seria essencialmente um ser humano diferente e criativo, artista rebelde capaz de conciliar histórias e perspectivas, para assim estabelecer uma relação intersubjetiva eficaz com seus semelhantes.

Lembro também dos Dagobés que velam o Damastor morto pelo Liojorge, no conto “Os irmãos Dagobé”, cujo mau caráter e cuja

violência o narrador apregoa para o seu narratário, fazendo-o esperar trágico desfecho para a estória que conta. Surpreso e alertado pelas incongruências que o autor semeia no relato desse narrador, o leitor percebe afinal ser sincera a suspeita solicitude e gentileza dos irmãos em luto, seres humanos capazes, apesar de tudo, de uma relação intersubjetiva cordial e de sincero apreço pelos visitantes.

Poderia falar ainda do João Porém, o criador de perus, malsinado pelo nome e pela natureza, que o fizera vesgo, algo gago, semi-surdo e de quem se riem os outros, que constante e inutilmente procuram enganá-lo. Mas que é visto com carinho pelo narrador / autor, que lhe exalta a capacidade de trabalho, a dedicação e a ponderação de saber, quando necessário, ouvir apenas com “a metade surda de seus ouvidos”, o que torna possível a sua atitude: “Se bem pensou, melhor adiou”.

Diferente seria também o “Mechéu”, do conto do mesmo nome, de cuja pretensão e ignorância riem-se os “moços de fora” necessitados de alguma forma de recreio, em vista da chuva constante. Mechéu é notadamente estranho: semi-imbecil, sabe entretanto explorar o trabalho do Gango e culpar os outros por todos os problemas, deliciando-se quando as zombarias são dirigidas a esses outros. Moscamurro e raivacundo, preocupado em ser sempre ele mesmo, pretendo infalível noivo de toda e qualquer derradeira sacudida moça vista, com quem marcava “coiô” o casamento para um “domingo fatal”, Mechéu seria decididamente uma figura estranha e risível. Interferindo porém nessa visão negativa e simplista, o narrador / autor conta que Mechéu, depois da morte inesperada do Gango, perdeu as certezas e com elas a saúde, “Decerto [porque] não agüentava o que lhe vinha para pensar, nem vencia achar o que precisava” (p. 91). É então que o leitor relaciona essa nova perspectiva com outras já vislumbradas no conto, e que vêem Mechéu como um ser humano diferente que tem, entretanto, os mesmos anseios e sofrimentos de qualquer outro. Lembra então que essa visão de Mechéu se liga com a perspectiva bondosa com que falavam dele o fazendeiro, a menininha que lhe dissera “Você é bobo não, você é bom...” (p. 89) e a inesquecível Dona Joaquina, “branquinhos os cabelos, azúis olhos bondosos” (p. 91).

Por trás do ombro de narradores ou personagens de tendências negativas, parece ser possível ver nesses contos o malicioso piscar de olhos de um autor que valoriza, em primeiro lugar, a capacidade de percepção de seu leitor, a quem não apresenta conclusões ou lições, mas material para reflexão. Sua perspectiva diferente é realmente humanista, pois compreende e valoriza os seres estranhos e marginalizados de que fala. E é assim, ironicamente, que Guimarães Rosa nos apresenta o seu profundo humanismo, capaz de propiciar relações intersubjetivas da mais alta qualidade.

Referências Bibliográficas

ROSA, João Guimarães Rosa. João Porém o criador de perus. In: *Tutaméia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 74-76.

ROSA, João Guimarães Rosa. Mechéu. In: *Tutaméia*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1967. p. 88-91.

ROSA, João Guimarães Rosa. Pirlimpsiquice. In: *Primeiras estórias*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2, p. 415-421.

ROSA, João Guimarães Rosa. Os irmãos Dagobé. In: *Primeiras estórias*. v. 2. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994. v. 2, p. 405-408.

Resumo

Reflexão sobre a leveza irônica e a complexidade narrativa com que Guimarães Rosa corrige, em alguns contos de *Primeiras estórias* e de *Tutaméia*, leituras preconceituosas que não conseguem ver o outro na sua diferença.

Résumé

Reflection about the ironic lightness and the narrative complexity with Guimarães Rosa corrects, in some short stories of *Primeiras estórias* and of *Tutaméia*, preconceived readings that don't get to see the otherness in its difference.